

## *Phubbing, smartphones e juventude midiaticizada*<sup>1</sup>

Milena Possar GARCIA<sup>2</sup>

Alan César Belo ANGELUCI<sup>3</sup>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, SP

### RESUMO

O ato de *phubbing* é caracterizado por ignorar uma ou mais pessoas pela presença de um *smartphone*. Esse comportamento é encontrado principalmente entre os jovens. Neste contexto, esse estudo visa descrever como jovens brasileiros compreendem e lidam com as tensões entre as mídias móveis e a interação face a face durante o ato de *phubbing*, através de um questionário aplicado a jovens de 15 a 24 anos, moradores do ABC Paulista e entrevistas semiestruturadas com cinco jovens de cinco grandes cidades brasileiras realizadas virtualmente. Assim, concluímos que a percepção do *phubbing* é baixa, mas a preocupação com o *smartphone* é alta. Além disso, relatam-se grandes níveis de estresse e ansiedade com a ausência do aparelho, utilizados predominantemente para interações com outras redes virtuais de amigos e conhecidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *phubbing*; mídias móveis; consumo; *smartphones*.

### INTRODUÇÃO

É recorrente na contemporaneidade cada vez mais pessoas ignorando outras pela presença de um *smartphone*. Isso se caracteriza como um ato de *phubbing* (termo criado a partir das palavras anglófonas *phone* (telefone) e *snubbing* (esnoar)). O fenômeno *phubbing* é predominantemente atual e cada vez mais comum. O surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a crescente utilização de mídias móveis são fatores que fazem com que esse fenômeno venha ganhando cada vez mais força, sendo uma de suas principais consequências o cada vez maior afastamento na interação face a face. Esse comportamento é encontrado principalmente entre os jovens pois, por serem os usuários mais assíduos dos dispositivos móveis, apresentam uma dualidade de culpado/vítima no ato do *phubbing*.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho teve apoio do edital CNPq-Universal Processo 424802/2016-3 e do PIBIC-CNPq.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM-USCS, e-mail: [milenaparcia@hotmail.com](mailto:milenaparcia@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências pela EP-USP. Professor do PPGCOM-USCS, e-mail: [angeluci@uscs.edu.br](mailto:angeluci@uscs.edu.br)

---

No estudo aqui apresentado, debruça-se sobre esse fenômeno com o objetivo geral de descrever como os jovens brasileiros compreendem e lidam com as tensões entre as mídias móveis e a interação face a face durante o ato de *phubbing*. Como objetivos específicos, busca-se investigar como outras atividades mediadas por telefone (consumo/produção de conteúdo audiovisual digital, navegação, games, etc.) impactam as pessoas que são ignoradas ou que ignoram outras em situações co-presenciais. Também, por fim, identificar os efeitos de deslocamento em diferentes contextos de interação social co-presentes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

É inquestionável o quanto a tecnologia está presente na vida de grande parte da população atualmente. Segundo o estudo anual que analisa o estado da conectividade global, *State of Connectivity 2015*, realizado pelo Facebook entre os anos 2014 e 2015, 3,2 bilhões de pessoas tem acesso à Internet, um crescimento de 10% em relação ao ano anterior.

Com a maior facilidade de acesso, a tecnologia vem se tornando imprescindível na vida da maioria das pessoas. Essa facilidade faz com que seja cada vez mais comum que as pessoas precisem estar sempre conectadas a um dispositivo eletrônico sendo o smartphone o meio mais utilizado pelos usuários, segundo uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, em 2015.

Essa ascensão dos dispositivos móveis modifica a forma como nos comunicamos e nos relacionamos entre si. Lemos (2013) aponta que as novas mídias vêm alterando a forma como produzimos, distribuimos e consumimos informação. Ao relacionar suas observações à Teoria Ator Rede (TAR), de Bruno Latour, o autor aponta uma relação de tempo e espaço redefinida pelo uso de dispositivos móveis: “Tempo e espaço não são absolutos (...). São dimensões das associações entre humanos e não-humanos e, conseqüentemente, relativos, incertos, eventuais, gerados nas mais diversas mediações (...)” (LEMOS, 2013, p. 177).

A Teoria Ator Rede, criada pelo estudioso francês Bruno Latour na década de 1980, explica que na cultura contemporânea, os atores humanos e os atores não humanos estão constantemente ligados, eles interferem e influenciam o comportamento um do outro. Para a TAR, a produção de redes e associações surge da relação de mobilidade

---

estabelecida entre os atores humanos e não humanos que se dá na convergência dos novos meios de sociabilidade que aparecem com a cultura digital, como por exemplo as redes sociais e as comunidades virtuais (LATOURE, 2005).

Esses recursos tecnológicos também podem ser denominados como TIC, que podem ser consideradas como um conjunto de plataformas e recursos de tecnologia que viabilizam novas formas de se comunicar e de se socializar. Segundo Falconi et al. (2014, p. 10), essas tecnologias são responsáveis pela mudança na forma como nos comunicamos. Como explica Levy (2007, p. 8):

O rápido desenvolvimento da cultura digital no último par de décadas tem confirmado definitivamente processos e padrões culturais já constatados em culturas historicamente anteriores (...). As inovações das tecnologias de informação e comunicação têm desempenhado e desempenham um papel decisivo na revolução de novos modos gerais de cultura (...). As tecnologias de informação e comunicação e seu desenvolvimento desde as primeiras linguagens orais deram como resultado a decolagem da cultura humana (...), e vão mudando de curso com as técnicas de escrita e junto com ela “as revolucionárias criações de formas de vida urbana, organizações estatais e tradições científicas”. (Tradução Nossa)

Apesar de ser um fenômeno recente, modificando o modo como nos comunicamos, o surgimento das TIC modificou a sociedade em que vivemos, pois desde então é possível nos comunicarmos em qualquer lugar e a qualquer hora bastando apenas estar em posse de um dispositivo móvel. Essa mudança exigiu “uma reconfiguração das cidades contemporâneas, transformando-as em Cidades Digitais ou Cidades Globais” (Verza, 2008, p. 13).

Com essa reconfiguração da sociedade as pessoas tiveram de modificar o modo como viviam até então, o limite entre o público e o privado e a noção de tempo e espaço foram alteradas; além disso, as possibilidades de formas de comunicação foram ampliadas, e por isso as pessoas passam a estabelecer novas formas de se relacionar. Sobre isso, o sociólogo Zigmunt Bauman (apud Verza, 2008, p. 15) comenta:

As relações virtuais estão estabelecendo um padrão que orienta todos os demais relacionamentos humanos. Segundo ele, o indivíduo vive em constante ansiedade e insatisfação e a ausência de pontos de referência duradouros para a construção de sua identidade acaba causando um grande mal-estar e promovendo uma identidade instável. Nesse sentido, as relações virtuais são compreendidas como uma rede onde o contato é mais importante do que o conteúdo.

---

Essas mudanças afetam principalmente o público jovem, uma vez que são eles os usuários mais assíduos dessas novas tecnologias. Esse uso assíduo é caracterizado pela percepção de valor dada aos dispositivos móveis pelos jovens. Diversos jovens compram e usam determinados objetos com o intuito de serem mais facilmente aceitos pelos colegas e pelos amigos, como se a posse de tais objetos os deixassem em igualdade com as demais pessoas que o possuem (FERLA E SILVEIRA, 2008).

Segundo o site da campanha “Stop Phubbing”, 87% dos adolescentes preferem se comunicar por mensagens a falar cara a cara. Isso indica que os jovens utilizam cada vez mais seus smartphones, até mesmo em horas que seriam destinadas ao lazer com os amigos ou com a família, fazendo com que sua atenção não esteja totalmente voltada para as pessoas que estão com ele naquele momento.

A pesquisadora norte-americana Sherry Turkle utiliza o conceito “alone together” (sozinhos juntos) para caracterizar essa capacidade de estarmos juntos sem estarmos juntos, pois a nossa atenção não está priorizando as pessoas que estão ao nosso redor (TURKLE, 2017). Desta forma, concluímos que esse uso excessivo das tecnologias móveis pode ser prejudicial para as interações interpessoais desses jovens, tornando-os cada vez mais isolados de interação face a face. Hjarvard (2019) pondera ao observar a sociedade midiaticizada e avalia a ambiguidade da conectividade: se, por um lado, empodera indivíduos na otimização de processos comunicacionais, por outro conduz a sua dependência pelo crescente uso para consumo e trabalho.

O uso excessivo desses dispositivos vem causando diversos transtornos para esses usuários, como a síndrome das vibrações fantasmas (ROTHBERG, 2010; DROUIN ET AL, 2012) que se caracteriza pelo usuário sentir vibrações do celular ou até mesmo ouvir o seu toque quando o mesmo não vibrou ou tocou; isso se deve a necessidade de checar constantemente as notificações do dispositivo. Outro problema comum é a Nomofobia que se caracteriza por ser o medo irracional de ficar sem o telefone celular ou ficar offline. Nesse contexto, Fernández (2014, p. 8) nos explica:

A Nomofobia (no-mobile-phobia) nasce de um problema de autoestima e de relacionamento, a insegurança pessoal e a natureza complacente de alguns usuários os levam a serem escravos dos aplicativos de mensagens e das redes sociais. O costume de não ter outras atividades de ócio que não sejam se relacionar virtualmente pelo celular, gera um vício dinâmico e finalmente acaba por se tornar a única atividade do dia. (Tradução Nossa)

---

Além de transtornos, essa utilização exagerada pode apresentar também outros sintomas isolados como ansiedade, mal-estar, cansaço ou inquietude, negação, ocultação e/ou minimização do problema, sentimento de culpa e diminuição da autoestima. Em uma era hiperconectada, nos termos de Floridi (2015), se torna cada vez mais importante pensar nos efeitos que os dispositivos de comunicação provocam nos vários setores da vida de uma pessoa.

Algumas questões de pesquisa surgem deste quadro. Vale a pena observar como os dispositivos móveis têm incorporado a convergência dos meios e dos conteúdos de outras TIC, bem como a capacidade de interagir com outras mídias (STALD, 2008). Já se sabe que as ligações e mensagens de texto tradicionais são atividades de abstenção. No entanto, que grau de atividades de mídias móveis (por exemplo, consumo de conteúdo de áudio e vídeo, navegação em redes sociais) relacionam-se com o fato de ignorar alguém em situações co-presenciais? Também, que variáveis pessoais (como autoestima, solidão e autocontrole) estão sendo impactadas quando se comete o phubbing em aspectos específicos de circunstâncias sociais – como com desconhecidos, família e namorados/as? Muitos estudos anteriores somente focam em locais de trabalho, onde geralmente ocorrem interações entre colegas de trabalho (LING, 2008; TURKLE, 2006).

Estudos recentes relacionados ao phubbing indicam nuances sobre os efeitos dos dispositivos móveis nas interações face-a-face. Estudos de Karadağ et al. (2015), Angeluci e Huang (2015) e Blachnio et al. (2016) têm mostrado como novos usos e hábitos de novas mídias estão relacionados com mudanças contemporâneas nos perfis de identidade da juventude

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Com o objetivo de investigar mais a fundo essas questões, foi desenvolvido um estudo empírico quantitativo, sem representatividade estatística amostral, usando um questionário para observar a relação entre diferenças culturais e aspectos comunicacionais de consumo de mídia móvel. A pesquisa foi baseada em uma amostragem de jovens, dos gêneros masculino e feminino (N=43), na região do ABC paulista, Brasil. Os dados foram coletados através da Internet usando questionários *online*. Foram recrutados estudantes entre 15 e 24 anos, estudantes de escolas públicas e privadas. As questões foram formuladas utilizando a escala Likert e um conjunto de métodos baseados nos interesses

da pesquisa e em modelos utilizados em outros estudos (KARADAĞ ET AL., 2015; ANGELUCI E HUANG, 2015).

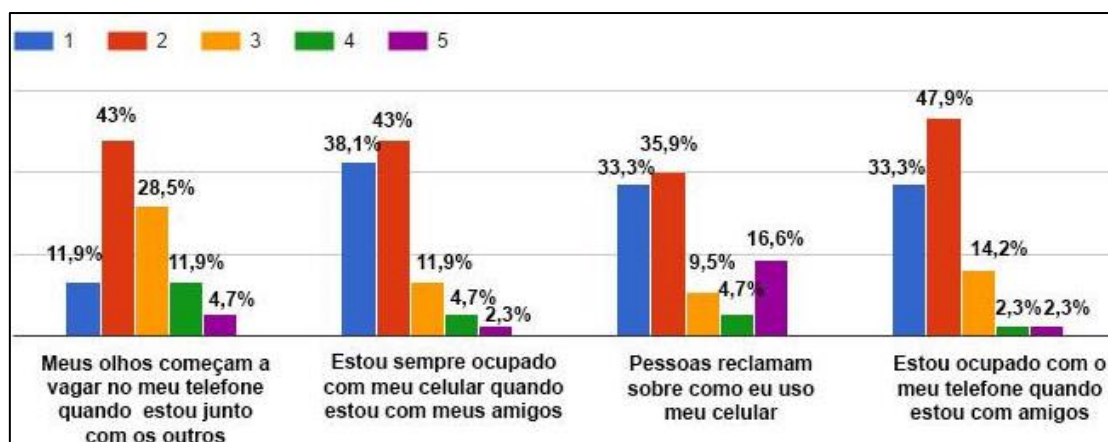
Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (N=5) com cinco jovens de cinco grandes cidades brasileiras realizadas virtualmente (por Skype e/ou Google Hangouts) usando um roteiro de perguntas composto a partir de análise preliminar de dados quantitativos.

Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, devendo atender a composição de faixa etária “jovem” definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – de 15 a 24 anos, de distintas classes socioeconômicas (A/B, C, D/E). A abordagem aos possíveis entrevistados ocorreu via mídias sociais e mailing. Essas entrevistas foram gravadas em vídeos, usando uma ferramenta de captura de áudio e vídeo própria dos recursos de conversação. A identidade dos respondentes foi anonimizada em observação aos marcos éticos e por entender que seus dados pessoais não trariam qualquer interferência ao conjunto de resultados apresentados.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com os dados válidos coletados (N=43), pode-se observar que os respondentes são de ambos os sexos, solteiros e com idades entre 15 e 22 anos. Esses jovens passam em média 8 horas/dia na Internet durante a semana e 9 horas/dia durante o fim de semana.

**Figura 1** – A Percepção de cometer *Phubbing*, Parte I.



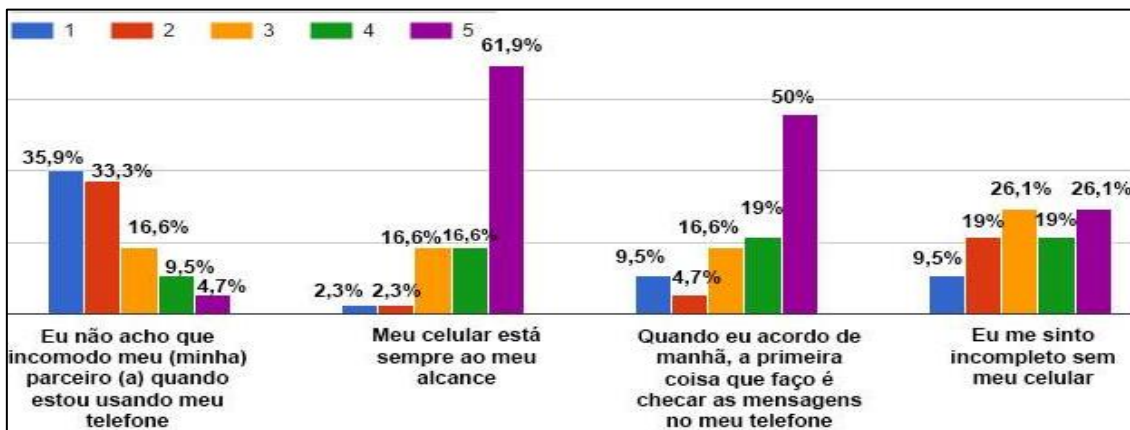
Fonte: os autores

Podemos entender que a maioria dos respondentes considera que não fazem uso recorrente do aparelho celular durante conversas com amigos, uma vez que afirmam praticamente não receber reclamações de pessoas sobre seu uso de celular, não estão frequentemente ocupados com o aparelho durante conversas e poucas vezes seus olhos começam a vagar pelo celular quando está com outras pessoas.

Entretanto, investigando mais a fundo durante as entrevistas, foi percebido que a maioria dos entrevistados acredita que a pessoa que ignora, na maioria das vezes, não percebe o que está fazendo. Para eles, interagir com o celular se tornou um ato tão comum que se torna inconsciente, mas em contrapartida quando são ignorados fica mais fácil de perceber, por estarem esperando a atenção da outra pessoa. Como exemplifica o Entrevistado 1:

Então, eu acho que é uma questão de a pessoa ignorar meio que no automático, na correria do dia a dia e às vezes ela nem percebe assim... um ato mais inconsciente e aí por isso ela acaba ignorando e quando acontece com ela é mais fácil de ser percebido, né? Então quando eu sou ignorado é mais tranquilo de perceber porque eu sabia que eu queria aquela atenção, mas muitas vezes a pessoa está na correria e aí tem alguém precisando de atenção e ela não percebe, ignora na correria do dia a dia.

**Figura 2 – A Percepção de cometer *Phubbing*, Parte II.**

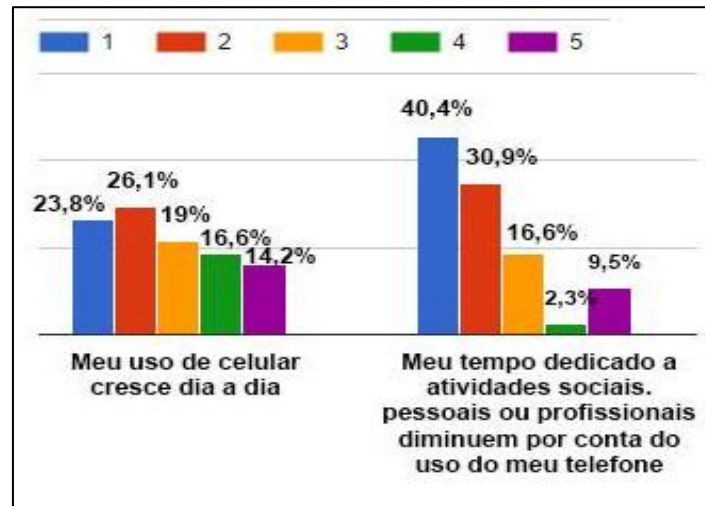


Fonte: os autores

Esses jovens também não acreditam que incomodam seus parceiros quando utilizam seu telefone. Podemos observar, de acordo com as respostas obtidas, que assim como descreve a Teoria Ator Rede, as interações entre os atores humanos (respondentes) e os atores não-humanos (*smartphones*) interferem e influenciam o comportamento desses jovens em seu cotidiano, como ao responder que a primeira coisa que fazem ao

acordar é checar as notificações de mensagens e como se sentem frequentemente incompletos se não estão com seus celulares.

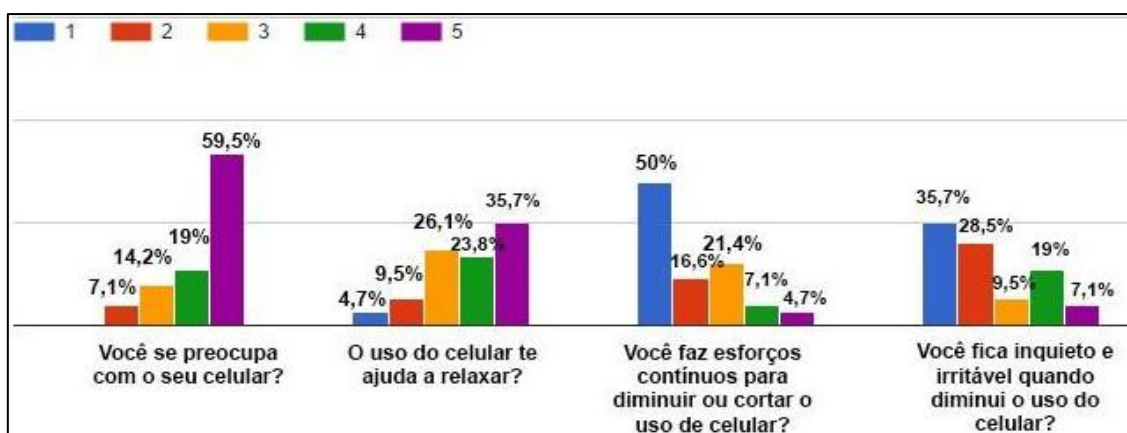
**Figura 3 – A Percepção de cometer *Phubbing*, parte III.**



Fonte: os autores

Ainda sobre o uso do celular, a maioria dos respondentes acredita que o crescimento do uso do seu celular no cotidiano seja baixo e que o tempo dedicado a atividades sociais, pessoais ou profissionais não é alterado ou prejudicado pelo uso do seu celular.

**Figura 4 – O comportamento com o celular, parte I.**



Fonte: os autores



---

Sobre sua relação com o aparelho, a maioria dos respondentes afirma que sempre o utiliza para relaxar; sobre isso, a Entrevistada 2 exemplifica com mais detalhes, quais são as atividades que mais gosta de fazer no celular: (...) eu gosto de ver receita de comida, de ver maquiagem, eu gosto de ver tudo o que é Instagram de curiosidade, de fotografia, de antiguidade, de informação também (...).

Os respondentes também afirmam que sempre se preocupam com seus dispositivos e que não fazem esforços contínuos para diminuir ou cortar o uso do celular e por isso não ficam inquietos ou irritáveis quando tentam diminuir seu uso. Ainda sobre sua relação com o celular, a maioria dos respondentes afirma usar o aparelho para fugir de problemas e elevar seu humor, como exemplifica o Entrevistado 3:

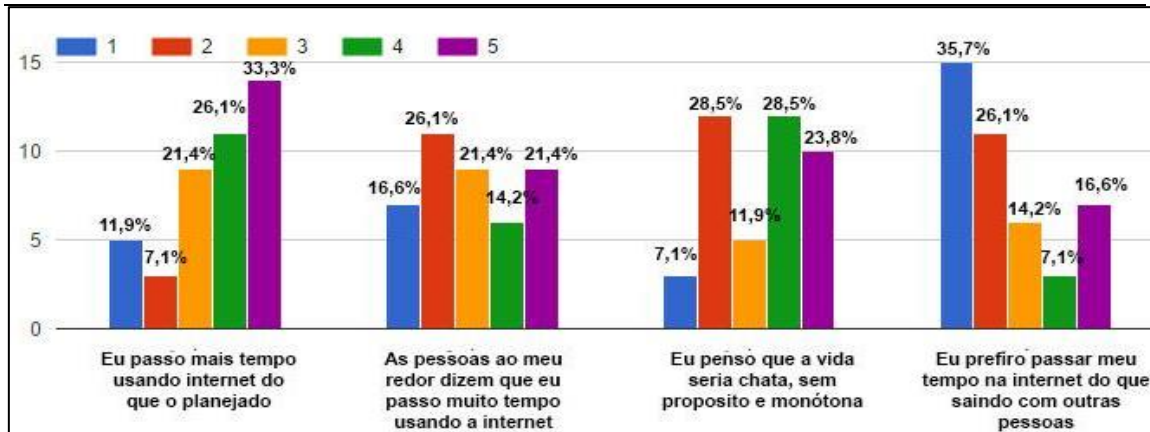
... por exemplo às vezes no Uber, o cara do Uber quer conversar e eu tipo, eu sou muito sociável quando eu quero e quando eu não quero, por exemplo, teve uma vez que eu estava indo para algum lugar e aí o cara do Uber queria conversar sobre trânsito e aí eu peguei o celular e fingi que estava mexendo, não foi nem para usar ele mesmo, para usar o celular, foi para ignorar ele.

Por outro lado, a Entrevistada 4 conta que não sente uma maior necessidade de utilizar o aparelho nas situações citadas e que a situação em que sente maior necessidade é quando está sozinha:

Na realidade, eu não sinto. Quando eu estou conversando com outra pessoa, eu realmente converso com ela, quando eu estou muito nervosa, porque eu estou sozinha, porque estou esperando alguém, aí eu começo a mexer no telefone, aí eu não paro de mexer no telefone, até ter outra coisa para fazer, mas eu não sinto essa necessidade com outra pessoa.

Esses jovens também afirmam não mentir sobre o quanto utilizam o celular. Já sobre a parte financeira, a maioria afirma continuar utilizando o celular mesmo depois de receber uma conta cara, mas que nunca cometeram crimes para financiar seu uso do aparelho.

**Figura 5 – O uso da internet, parte I.**



Fonte: os autores

Sobre o uso da internet, a maioria dos respondentes afirma que passam mais tempo do que o planejado usando-a, também afirmam que as pessoas ao seu redor não reclamam sobre o tempo que passa na internet e que preferem sair com outras pessoas a passar seu tempo na internet.

Sobre a falta de reclamação por parte das pessoas ao redor dos respondentes, a Entrevistada 2 acredita que se deva ao fato da maioria das pessoas não sentirem intimidade suficiente para chamar a atenção de que está no celular, como exemplifica:

(...) as vezes determinada pessoa entra na sala e eu estou olhando aqui alguma coisa, quando eu estou trabalhando e estou olhando alguma coisa as vezes até do meu chefe, quando ele está longe a gente fala muito por celular e a pessoa fala comigo e eu balanço só a cabeça, aí olho aí dou só um sorrisinho assim sabe? Tipo “estou entendendo” as vezes eu estou tão concentrada ali que eu sei que se fosse uma pessoa mais próxima a mim, uma pessoa da minha família, primeiro que iria me chamar a atenção “olha para mim, eu estou falando com você” isso eu acho que a pessoa menos próxima não tem essa intimidade de chegar e dizer “olha, olha para mim”.

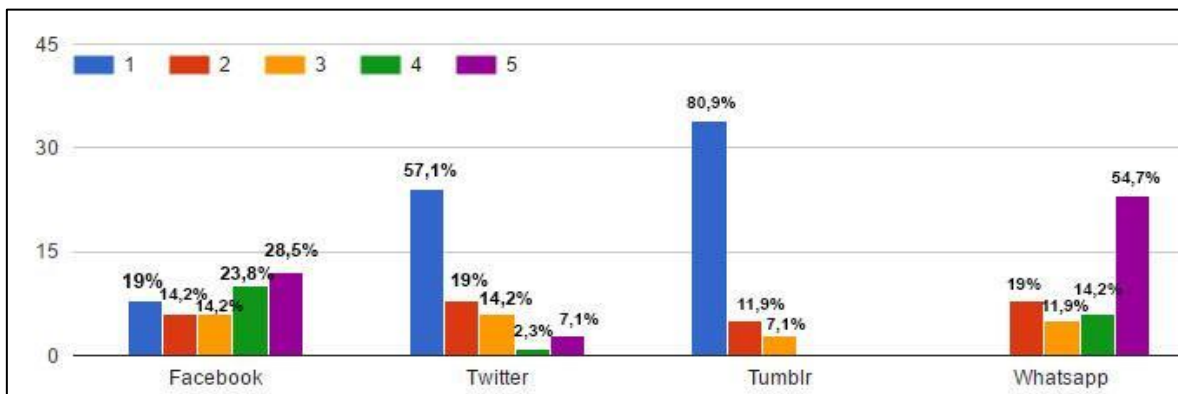
Apesar de anteriormente responder que preferem sair com outras pessoas a utilizar à internet, podemos perceber que o grau de interferência dos atores não-humanos no cotidiano dos atores humanos é alto e muitas vezes subconsciente, pois ao passar um longo período sem utilizar a internet, esses jovens não vêem a hora de voltar a usar e se sentem ansiosos quando ficam sem acesso.

Essa ansiedade devido à ausência de internet é causada pelo costume de estar conectado 100% do tempo; sobre isso o Entrevistado 3 comenta:

A gente já está tão acostumado a usar o celular em todos os ambientes, seja para ver as redes sociais, é um costume tão empregado na gente que tu acaba

ficando com isso e utiliza ele em todas as situações independente se isso atrapalha ou não, se isso é bom ou não, tu usa porque já é um costume.

**Figura 6** – Frequência de utilização de ferramentas eletrônicas, parte I.



Fonte: os autores

Sobre a frequência de utilização de algumas ferramentas eletrônicas pelo celular ao mesmo tempo em que uma conversa é desenvolvida, a maioria dos respondentes aponta não utilizar com frequência as redes sociais Twitter e Tumblr. Já a rede social Facebook e o aplicativo Whatsapp, são utilizados com maior regularidade. A maior utilização dessas ferramentas ilustra a percepção de que os jovens não sentem que estão deixando de lado a vida social física, pois parecem enxergar as relações estabelecidas via celular e aplicativos como parte importante, complementar ou até natural das relações físicas e presenciais, como uma extensão.

Os entrevistados também apresentaram uma necessidade maior de usar o celular em situações de urgência ou sem motivo aparente. Sobre isso, o Entrevistado 3 aponta sentir essa necessidade de utilizar mais o celular principalmente em situações de emergência:

...às vezes eu preciso falar com o meu pai que eu estou em algum lugar ou que é para ele ir me buscar, por exemplo. Então sei lá, mesmo em conversas que eu

---

não quero ter, tipo com pessoas que eu considero chatas às vezes eu uso o celular para me esquivar dessas conversas, mas em uso de urgência geralmente eu falo com o meu pai para ele ir me buscar e tal.

Já a Entrevistada 2 acredita que utiliza mais o celular principalmente sem nenhum motivo aparente, como conta:

Às vezes eu estou no trabalho e o celular está lá perto, às vezes eu vejo tocar e eu sinto aquela ansiedade para ver quem está falando comigo, as vezes eu tenho que deixar ele dentro de uma gaveta para poder eu não ficar tentada a pegar enquanto eu estou fazendo determinadas coisas, eu tenho até que me concentrar nesses aspectos, eu tento deixar ele longe para poder não pegar

Por outro lado, a Entrevistada 4 conta que não sente uma maior necessidade de utilizar o aparelho nas situações citadas e que a situação em que sente maior necessidade é quando está sozinha:

Na realidade, eu não sinto. Quando eu estou conversando com outra pessoa, eu realmente converso com ela, quando eu estou muito nervosa, porque eu estou sozinha, porque estou esperando alguém, aí eu começo a mexer no telefone, aí eu não paro de mexer no telefone, até ter outra coisa para fazer, mas eu não sinto essa necessidade com outra pessoa.

Além disso, outros pontos interessantes foram percebidos durante as entrevistas como a mudança do grau de necessidade de utilização do celular de acordo com o local em que o jovem se encontra, como relata a Entrevistada 2 ao sentir uma urgência maior de usar o celular quando está na cidade grande em comparação à quando está no interior, a estudante acredita que quando está na capital existe uma demanda maior de se usar o celular para resolver pendências de trabalho, falar com a família, e ficar informada sobre os assuntos da universidade:

É um ponto interessante para mim porque eu não sou daqui de João Pessoa, eu sou do interior da Paraíba, quando eu estou aqui eu sou muito condicionada ao telefone para coisas muito fúteis e para necessidades urgentes, mas quando eu estou lá não, às vezes o celular descarrega e eu nem olho, nem ligo em olhar ou então eu vejo muito pouco assim, sabe? Então lá eu sei que quando eu estou lá minha vida não necessita do celular porque quando eu estou lá eu estou de férias ou porque tem alguma folga, enfim, então não precisa, mas aqui se eu deixar eu sei que tem coisas da universidade que vão acumular, coisas do próprio trabalho, enfim, é isso.

Sobre essa diferença de sentimento de urgência de acordo com o local em que este jovem está inserido, Bourdieu (2007) acredita que os bens e os gostos marcam as diferenças sociais e as classes e o consumo acaba sendo assim como um meio de reprodução de padrões sociais.

E também, sobre o costume de ignorar com maior frequência pessoas que apresentem um menor grau de intimidade a maioria dos entrevistados demonstram uma certa preguiça de socializar com pessoas que eles menos intimidade e acabam usando o celular como uma forma de escape dessas situações, como exemplifica o Entrevistado 3:

...com pessoas que eu tenho menos grau de intimidade eu não tenho muito o que falar quando eu não procuro ser sociável, então eu acho que nesses casos o uso de celular, ele é mais constante, por exemplo se eu estou em uma roda de pessoas, eu conheço uma pessoa e essa pessoa está falando com outras pessoas e aí eu não tenho ninguém para conversar ali e aí eu pego o meu celular e fico mexendo porque eu não tenho intimidade com outras pessoas e aí para eu não me sentir deslocado, tipo estou ali só olhando, observando, eu pego o celular e mexo.

Sobre essas tentativas de evitar socializar com pessoas menos próximas, Turkle (2006) pontua que muitos indivíduos não sabem mais ou não gostam de ter uma conversa de verdade com outras pessoas, a autora acredita que a possibilidade dada pelas plataformas digitais de nos editar e reeditar traz a possibilidade de apresentar o nosso eu da maneira como queremos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se observas nuances do phubbing por meio de um estudo empírico, concluiu-se que dispositivos móveis são utilizados predominantemente para interações com outras redes virtuais de amigos e conhecidos, como Facebook e Whatsapp. Além do mais, as ferramentas mais utilizadas são redes sociais, principalmente o Instagram, que são utilizadas para o consumo de entretenimento e informações.

A respeito dos objetivos específicos, podemos concluir que com relação ao primeiro objetivo, conclui-se que o ato de ignorar outra pessoa por causa do *smartphone* é algo geralmente inconsciente, imperceptível para quem o faz, pois na maioria das vezes, o dispositivo é tão comum no cotidiano desses jovens que se torna natural estar sempre checando os diversos aplicativos. Além disso, o ato de ignorar alguém utilizando o dispositivo se torna algo consciente quando o usuário se encontra em situações novas ou desconfortáveis, utilizando assim o aparelho como um modo de escape

Já em relação ao segundo objetivo, observa-se que a preocupação com a presença do celular independentemente da situação social é alta. O celular, como extensão do usuário, passou a ser uma ferramenta fundamental para as atividades cotidianas. Dessa

forma, os usuários acabam por confessar que o grau de interferência do celular em suas relações sociais é alto. Relatam-se grandes níveis de estresse e ansiedade com a ausência do aparelho

Por fim, é importante ressaltar que esse estudo tem um caráter preliminar e não conclusivo, demandando estudos futuros e outras perspectivas para o aprofundamento da compreensão do fenômeno *Phubbing*. A ampliação do escopo para um número maior de entrevistados pode permitir inferências mais robustas. Além disso, o tema pode ser investigado a partir de um grupo social ou nicho específico, uma faixa etária, em outros contextos.

## REFERÊNCIAS

- ANGELUCI, Alan César Belo; HUANG, Gejun. Rethinking media displacement: the tensions between mobile media and face-to-face interaction/Repensando o deslocamento da mídia: as tensões entre as mídias móveis e a interação face-a-face. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 4, p. 173, 2015.
- BARCELOS, R. **Nova mídia, socialização e adolescência um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.
- BŁACHNIO, Agata; PRZEPIORKA, Aneta; PANTIC, Igor. **Association between Facebook addiction, self-esteem and life satisfaction: A cross-sectional study**. *Computers in human behavior*, v. 55, p. 701-705, 2016.
- DROUIN; KAISER; MILLER. **Phantom vibrations among undergraduates: Prevalence and associated psychological characteristics**. *Computers in Human Behavior*. v. 28, p. 1490-1496, 2012.
- FERLA, Diego Alexander; SILVEIRA, Teniza. **A relação entre os benefícios simbólicos do consumo e a formação da identidade dos jovens consumidores através de uma abordagem metodológica mista**. **ENCONTRO DE MARKETING DA ANPAD**, v. 3, 2008.
- FLORIDI, Luciano. **The Online Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. Springer Cham Heidelberg New York Dordrecht London, 2015.
- HJARVARD, Stig. (2019). **The Janus face of digital connectivity: The transformation of social dependencies**. In J. Ferreira, A. P. da Rosa, A. F. Neto, J. L. Braga, & P. G. Gomes (Eds.), *Between what we say and what we think: Where is mediatization?* (pp. 241-264). Santa Maria, Brazil: FACOS Universidade Federal de Santa Maria.
- JUNQUERA, Carola. **Desconectados del entorno y conectados a la red: tan cerca pero tan lejos**. Argentina: Universidad Argentina de la Empresa. 2015.

KARADAĞ, Engin et al. Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. **Journal of behavioral addictions**, v. 4, n. 2, p. 60-74, 2015.

LING, Richard Seyler. **New tech, new ties**. Cambridge, MA: MIT press, 2008.

PRADO, Jean. , 2016. Tecnoblog. Disponível em:  
<<https://tecnoblog.net/192063/internet-brasil-mundo-facebook/>>. Acessoem: 29 de jan de 2017.

PORTILLA, K; VALDIVIESO, M. **Ignórale a él, Campaña de mercadeo social para promover el respeto a los demás com el uso correcto del celular**. Equador: Universidad San Francisco de Quito. 2014.

ROTHBERG et. al., **Phantom vibration syndrome among medical staff: a cross sectional survey**. BMJ, 2010.

SANTOS PORTILLA, Kamila Marianela; VALDIVIESO, Malo; MERCEDES, María. **Ignórale a él campaña de mercadeo social para promover el respeto a los demás con el uso correcto de celular**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Quito, 2014.

STALD, Gitte. Mobile identity: Youth, identity, and mobile communication media. **Youth, identity, and digital media**, v. 143, 2008.

TURKLE, Sherry et al. Relational artifacts with children and elders: the complexities of cybercompanionship. **ConnectionScience**, v. 18, n. 4, p. 347-361, 2006.

TURKLE, Sherry. **Alone together: Why we expect more from technology and less from each other**. Hachette UK, 2017.

VACA, Andrea. **Análisis de la falta del otro y su relación con el neologismo denominado Phubbing**. Equador: Pontificia Universidad Católica Del Ecuador. 2015.

VERZA, F. **O uso do Celular na Adolescência e sua Relação com a Família e Grupo de Amigos**. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2008.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, v. 310, 2013.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva (A)**. Edições Loyola, 2007.

LATOUR, Bruno et al. **Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory**. Oxford university press, 2005.

PEREIRA, Camila. **O consumo de smartphones entre jovens no ambiente escolar**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria. 2014.